



## O TRABALHO DA BENZEÇÃO: PRÁTICA E SABEDORIA POPULAR DO POVO CHIQUITANO

Elidiane Martins de Brito Silva (PPGE/UFMT) – elimarbri2008@hotmail.com

Edson Caetano (UFMT) – caetanoedson@hotmail.com

GT 16: TRABALHO E EDUCAÇÃO

### Resumo

O artigo tem por objetivo analisar o ofício da benzeção enquanto um espaço formativo que articula saberes que integram a sabedoria popular. Dessa maneira evidenciamos o trabalho da benzeção atrelado a cosmologia do povo Chiquitano, povo originário que habita os territórios da linha fronteira Brasil/Bolívia. Este texto resulta de uma pesquisa bibliográfica ancorada, principalmente nos saberes ancestrais do povo Chiquitano para a compreensão da benzeção enquanto prática cultural, histórica, social e de reexistência diante dos conflitos ambientais e sócio-culturais existentes. Nesta perspectiva, os benzedores e as benzedoras Chiquitano produzem visões de outros mundos possíveis a partir da educação que articulam a natureza, a fé, as simbologias, as crenças religiosas e ancestrais. Conclui-se que é possível pensar outros processos de aprendizagens pautados na vida cotidiana e na tríade homem/cultura/natureza, outros saberes que não se pautam na educação institucionalizada, mas na educação que prioriza a produção da vida coletiva. Portanto, evidenciamos o protagonismo dos diferentes saberes que contraria a lógica da universalização epistemológica empreendida pela ciência ocidental e pela mercantilização da saúde e da vida encabeçada pelo capitalismo.

**Palavras-chave:** Trabalho-Educação. Benzedores. Benzedoras. Chiquitano.

### 1 Introdução

O objetivo deste texto é analisar o ofício do benzer enquanto um espaço formativo e de reexistência dos benzedores e benzedoras Chiquitano frente ao modelo colonizador de práticas de cuidado e saúde, como também as formas de organização da experiência de vida coletiva desse grupo étnico. Contudo, para essa análise da benzeção que propomos aqui é adentrar no interior da prática da benzeção enquanto ofício atrelado ao binômio trabalho-educação (SAVIANI, 2007). Para essa abordagem analítica elegemos a pesquisa bibliográfica para compreender a dinâmica cosmológica da etnia Chiquitano atrelada ao trabalho da benzeção.

No Brasil, os Chiquitanos vivem no sudoeste de Mato Grosso, nos municípios de Cáceres, Porto Espiridião e Vila Bela da Santíssima Trindade e na Bolívia na província de Velasco e Nuflo de Chaves, basicamente nos mesmos locais onde existiram os aldeamentos jesuíticos e nas suas proximidades. As pesquisas de campo no Brasil demonstraram que a aparente dispersão dos Chiquitanos entre os vários municípios mencionados obedece a uma lógica de agrupamentos que se baseiam em relações de parentesco, casamentos, redes de amizade e de trocas (FERNANDES SILVA, 2008, p. 121).

O povo Chiquitano vivenciam suas práticas culturais pautados nos laços de solidariedade e reciprocidade que dão sentido as suas existências em diferentes espaços sociais da região fronteira Brasil/Bolívia. A benzeção como prática da sabedoria popular desse grupo étnico permite que benzedores e benzedoras produzam visões de si e de outros mundos possíveis, como também suas existências nas aldeias ou nas cidades e por fim, legitimam o seu trabalho de benzer enquanto um espaço formativo que agrega a cosmovisão de territórios, da religiosidade, do xamanismo e da estreita relação com a natureza.

Diante dessa discussão faz-se necessário ressaltar que os povos originários e as comunidades tradicionais detém uma diversidade de saberes que possibilitam desvendar outra lógica de vida, os saberes tradicionais se diferenciam em riqueza de detalhes, seguem outros protocolos, processos e modos de fazer contrários ao da ciência ocidental (CARNEIRO DA CUNHA, 2009).

A benzeção como um saber tradicional se alicerça a partir da sabedoria que se exercita no cotidiano (ALBUQUERQUE; SOUSA, 2016). É aquela que se dinamiza e produz novos sentidos conforme as transformações históricas alinhadas ao tempo e ao espaço de um determinado grupo social. Para compreender esta prática de cura e cuidado atrelada ao Bem viver Chiquitano, parte-se da corrente indigenista/Pachamamista<sup>1</sup>, neste sentido Krenak (2021) nos convida a pensar a condição humana liberta do capitalismo, ou seja, pensar a existência humana a partir da mãe Terra enquanto um organismo vivo, sendo o ser humano apenas uma pequena parcela dessa grande ecologia planetária.

Conforme Krenak (2021) o Bem Viver indigenista/Pachamamista pauta-se na plenitude da vida fundamentada em laços comunitários, na autogestão de seus territórios sagrados, no consumo responsáveis, sustentáveis e renováveis da natureza. Suas práticas centram-se nas coletividades, nas tomadas de decisões, prova disso, é que nenhum grupo se privilegia à custa da exploração de outros dentro desse coletivo. A grande Terra Mãe (Pachamama) é uma grande divindade que deu vida a tudo que existe, por isso devemos cuidar da natureza, dos animais, dos humanos e dos não humanos pois, somos parte integrante dessa grande ecologia planetária. Bem viver ancora-se no perfeito equilíbrio entre “espiritualidade, natureza, modos de vida e consumo, política, ética” (ALCANTARA; SAMPAIO, 2017, p.333). Esse modo de viver, de ser e de pensar se apresenta como uma alternativa de vida que surge a partir dos

---

1

coletivos de luta e resistência que insurgem contra a cosmovisão ocidental e capitalista. Outros autores também contribuem para o aprofundamento teórico da corrente do bem viver indigenista, tais como: (MEDINA, 2001), (CHUJI, 2014), (MACHADO; GENRO, 2018), entre outros.

Neste sentido, entender como a dinâmica da benzeção se desenvolve no contexto do povo Chiquitano nos faz refletir sobre a realidade concreta na qual esse grupo social produz sua vida coletiva. Dessa maneira, podemos considerar inevitavelmente que “Essas relações sociais podem incluir o trabalho que um indivíduo desempenha, suas relações na comunidade, a percepção dessa doença pelos vizinhos, sua vida familiar, a própria economia etc. A doença nunca se esgota, portanto, no indivíduo doente, nem surge separada do social” (QUINTANA, 1999, p. 26).

A doença não está dissociada da realidade social das pessoas, uns procuram médicos, enfermeiros e farmacêuticos, enquanto outros buscam atendimento junto aos benzedores e benzedoras. Nossa proposta é evidenciar o protagonismo de outros saberes que contrariam a lógica da universalização do saber proposta pela ciência ocidental, a sabedoria popular que agrega saberes e práticas tradicionais de diferentes grupos sociais evidenciando a heterogeneidade de saberes. Desse modo, nos reportamos a Thompson (1998) ao evidenciar a história vista de baixo dos grupos tradicionais que historicamente foram silenciados e considerados incapazes de produzir conhecimentos. Neste sentido, os benzedores e benzedoras Chiquitano ao benzer trabalham, educam e se educam, se movimentam e fazem histórias. Esse ofício da cura e do cuidado articula-se a partir da produção, da recriação e do compartilhamento por meio de diferentes pedagogias que trataremos no tópico 2 deste texto.

O trabalho da benzeção na cultura Chiquitano é visto como práticas do xamanismo e está ligado às práticas religiosas do catolicismo, inclusive associada a “veneração aos santos católicos” (BORTOLETTO, 2007, p. 183). Percebe-se outras ressignificações indígenas nessas práticas como a influência dos seres encantados na vida coletiva Chiquitano. E diante disso, os saberes Chiquitano articulam-se a diferentes dimensões da vida humana, prevalece nas experiências cotidianas o intenso diálogo entre a saúde, a educação, a cultura e a natureza.

## **1. A benzeção a serviço da produção da vida**

A benzeção é compreendida como uma prática social que permeia as camadas populares da sociedade. Cada profissional de cura busca sua autonomia frente ao exercício deste ofício

que é reconhecido socialmente pela sua eficácia, cada benzedeira ou benzedor atua conforme a sua formação religiosa e visão de mundo. Essa prática de cura e cuidado é dinâmica, reinventa-se constantemente de acordo com os conflitos ambientais e socioculturais presentes em suas realidades concretas. Essa versatilidade da prática da benzeção rompe com os estereótipos de que a benzeção é coisa do passado, credence ou folclore do povo. Oliveira (1985) nos informa como se deu a gênese da benzedura na idade média e como esses(as) cientistas populares eram perseguidos(as) pelo patriarcado como disputa objetivando legitimar a ciência erudita, como também eram acusados(as) pela igreja de exercerem a bruxaria.

A benzeção integra a medicina popular que se caracteriza como a medicina feita pelo povo e não para o povo, ela origina-se das necessidades dos grupos considerados marginalizados e excluídos da sociedade, os “esfarrapados do mundo” (FREIRE, 2005, p. 23). A medicina popular proposta pelos povos originários e as comunidades tradicionais se baseia nos saberes da experiência (BONDÍA, 2002) elaborados com suas interações com o Outro, com a natureza, com os não humanos e com o coletivo grupal.

Conforme Oliveira (1985) existe um embate entre a medicina popular e a medicina erudita, pelas suas finalidades que se divergem quando exercem suas práticas de cura e cuidado no cotidiano. A medicina erudita pautada em conceitos científicos e no saber que decorre das universidades, ou seja, as academias tratam o ser humano de maneira fragmentada, desconsiderando que a “doença está atrelada as suas condições concretas de existência” (OLIVEIRA, 1985, p. 49). Enquanto que a medicina popular

Veicula diferentes sistemas de classificação de doenças e de fenômenos orgânicos. Produzem estratégias de cura muito específicas. Estas são pautadas por uma prevenção, um diagnóstico e um enfrentamento. Estas são parte da compreensão que seus sujeitos tem da vida, do mundo, das necessidades, dos sofrimentos, dos valores e das relações sociais, isto é, são parte da sua visão de mundo, que é permanentemente recriada e reinventada (OLIVEIRA, 1985, p. 32).

A medicina popular se constitui histórico culturalmente a partir dos saberes tradicionais que perpassam a vida cotidiana de um sujeito ou de uma comunidade, esses conhecimentos estão alicerçados na experiência e são compartilhados com as novas gerações com base nos saberes sobre si, suas histórias, suas crenças, seus modos próprios de ser, produzir, aprender e viver. Brandão e Leal (2012) afirmam que a primeira característica das comunidades tradicionais diz respeito à autonomia, a autoctonia e a cultura da resistência diante da ameaça capitalista representada pelas figuras dos fazendeiros e dos produtores do agronegócio que

cercam e degradam os territórios tradicionais na busca incessante por riquezas e lucros, missão predatória que nunca cessa.

Diante disso, a benzeção se recria, resiste e reexiste diante das opressões exercidas pelo capitalismo que deságuam na mercantilização da saúde e da vida, na colonização epistemológica pois, o saber científico legitima-se como universal e hegemônico (PANTOJA, 2017) e pela colonização política, ou seja, as investidas do Estado para que os considerados subalternizados se conformem com suas precárias condições de vida e de trabalho. O benzer articula-se a partir da sabedoria popular e das visões de mundo que os benzedores e benzedoras constroem de si e do mundo, o reconhecimento para o exercício desse trabalho não provém de títulos acadêmicos, mas do reconhecimento comunitário pela eficácia de seus serviços prestados as pessoas de diferentes camadas sociais.

Para compreender a benzeção enquanto prática cultural devemos analisar o concreto pensado desses(as) especialistas da cura, entender e explicar a coisa em si e sua relação com as partes (KOSIK, 1976) e atingir a essência do fenômeno (que muitas vezes está oculta). Portanto analisar a benzeção pelo viés da “dialética materialista é ao mesmo tempo uma postura, um método de investigação e uma práxis, um movimento de superação e de transformação” (FRIGOTTO, 1989, p.79).

Ao analisar o ofício da benzeção, precisamos olhar atentamente as questões históricas, sociais e culturais que perpassam a cultura Chiquitano, etnia que habita territórios localizados na linha fronteira Brasil/Bolívia, constatamos que na cultura Chiquitano “*nochokorch* (doença) resulta de entidades sobrenaturais que possuem subjetividades e perambulam pelo ar, tendo força de raptar *nausupürch* (a alma) de uma pessoa e de outros seres que possuem vida” (SILVA, 2015, p. 58), para curar os afetados os curandeiros e/ou benzedores utilizam os procedimentos das massagens e dos benzimentos para tirar a doença de dentro do doente.

Bortoletto (2007) considera que o xamanismo Chiquitano está estreitamente ligado a religiosidade, que se revelam em práticas e concepções vinculadas aos santos católicos e aos espíritos donos dos animais como mecanismo de acesso ao mundo sobrenatural. Dessa maneira, os xamãs Chiquitano, são representados na figura dos rezadores/rezadeiras, curandeiros e benzedores/benzedoras.

O povo indígena Chiquitano surgiu a partir da Missão dos Chiquitos (1691-1767) marco histórico que diz respeito ao aldeamento de várias etnias em território boliviano, projeto liderado pelos padres jesuítas e pela coroa espanhola (PACINI, 2012). Dessa maneira, a

produção da vida material e imaterial dos Chiquitano tem influência do catolicismo, porém sua identidade étnica recebe outras ressignificações conforme sua cosmologia indígena. Nesse sentido, a partir da produção do conhecimento da benzeção podemos adentrar nas diferentes esferas da história e da realidade concreta construída pelos benzedores e benzedoras Chiquitano e compreender como se processa coletivamente a organização de suas existências.

A prática da benzeção contribui com as diferentes dimensões da vida humana, articula-se aos aspectos históricos, sociais, culturais, políticos, práticas de cura e cuidado e também da educação que se constrói a partir de espaços não escolares em momentos de escuta, observação, imitação, oralidade, cultivo e o manejo de plantas medicinais e o encontro com os seres encantados, pedagogias tecidas a partir da coletividade, da tradição oral e da ancestralidade. É evidente a existência do antagonismo também no campo educacional entre os opressores e oprimidos, existe interesses particulares (capitalistas) que dificultam e/ou impedem a libertação ideológica de homens e mulheres e empenha-se em “aprisioná-los” no cárcere de subalternidade. Dessa maneira, Freire (2005) propõe a educação enquanto uma ferramenta de libertação e emancipação social dos sujeitos, essa luta só se fortalece por meio da coletividade humana.

Em tempos sombrios para o campo educacional, diante do abandono e da incompetência administrativa do atual governo federal, as contribuições de Paulo Freire emergem com muita fluidez e intensidade pois, promove uma educação humanizadora que valoriza as diferentes realidades culturais e protagoniza o pluralismo de saberes com base na reflexividade da realidade concreta. Em um momento em que as nossas lideranças governamentais demonstram tamanha intolerância política, religiosa, epistêmica e sexual, nos resta unir forças para marchar rumo a luta por uma educação que liberta, emancipa culturalmente e politicamente as classes oprimidas e transforma o atual cenário brasileiro. Nesta perspectiva, trataremos no próximo tópico sobre as educações possíveis vivenciadas a partir da benzeção enquanto prática de cura e cuidado, considerando o contexto cultural do povo Chiquitano no Brasil.

## 2. Entre plantas, orações e o Curussé<sup>2</sup>: as educações possíveis

---

<sup>2</sup> Manifestação ritualística do povo Chiquitano, frequentemente ocorre em festividades carnavalescas com a participação de Chiquitano das aldeias, das cidades e do território boliviano.

Compreendemos a importância das contribuições de Paulo Freire enquanto oportunidade de análise da educação também em espaços não escolares, em nosso cenário de análise que diz respeito aos saberes e práticas de cura e cuidado das benzedoras e benzedores do povo Chiquitano. As práticas educativas na perspectiva da Educação que promove a ação cultural para a liberdade, por meio da tradição (palavras, gestos, imitação, observação, escuta). Esta aproximação nos permite pensar o legado freiriano além dos currículos institucionalizados, mas um saber construído, reinventado e compartilhado a partir das vivências diárias. A educação concebida como proposta de educação humanizadora, integrada por seres aprendentes, inclusos e abertos a aprendizagem sobre outros mundos, a natureza e o diálogo entre os diferentes saberes.

Nesse sentido, aos analisarmos a benção na cosmovisão Chiquitano enquanto um trabalho baseado em princípio educativo (FRIGOTTO, 2017), podemos afirmar que estes estão fundamentados na medicina das plantas/florestas, na religião, na oralidade e nos encontros com os seres encantados tanto para a cura quanto para o fortalecimento do corpo em momentos festivos como o Curussé ou em momentos privados. Esses saberes fundam-se a partir da produção da existência Chiquitano nas aldeias ou nas cidades, diferentemente do saber advindo das escolas, dos livros, dos laboratórios e das universidades.

O saber ancestral Chiquitano está articulado a práticas e saberes de ordem cultural e histórica. Nesse sentido, o território é imprescindível para a produção e a manutenção da vida Chiquitano, além da preservação da biodiversidade. Desse modo, podemos entender que “O território chiquitano é vivido e produzido pelos próprios Chiquitanos enquanto espaços sagrados e seu modo de se relacionar com os lugares tradicionais é que dá sentido à sua vida e caracteriza seu modo de viver enquanto Chiquitanos” (PACINI, 2012, p. 79).

Essa educação pautada na ancestralidade Chiquitano se constrói em uma outra lógica, outros sentidos e percepções descolados da cientificidade pautada nos meros conceitos científicos que muitas vezes invisibiliza a condição humana. Portanto, os saberes provenientes da ancestralidade se desdobram em uma outra educação: a pedagogia das florestas/das plantas/dos quintais por meio dos protocolos próprios do saber-fazer em que desenvolve a prática da benção com o uso de plantas no tratamento de diferentes males. Esse trabalho exige conhecimento sobre a natureza e práticas, nesse sentido natureza e cultura estão entrecruzadas nessa ação.

Dessa forma, no saber local existem conhecimentos detalhados de caráter taxonômico sobre constelações, plantas, animais, fungos, rochas, neves, águas,



solos, paisagens e vegetação, ou sobre processos geofísicos, biológicos e ecológicos, tais como movimentos de terras, ciclos climáticos ou hidrológicos, ciclos de vida, períodos de floração, frutificação, germinação, zelo ou nidificação, e fenômenos de recuperação de ecossistemas (sucessão ecológica) ou de manejo da paisagem (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2009, p. 36).

A etnoecologia compreendida a partir da análise dos saberes locais Chiquitano nos convida a pensar os saberes tradicionais de forma integrada e associada as crenças, aos conhecimentos historicamente acumulados sobre a natureza que o circunda e as práticas produtivas criadas e executadas a partir desses primeiros elementos. Esses conhecimentos tradicionais e locais se operacionalizam por meio da representação, da interpretação e do manejo da natureza.

Outro aspecto formativo pertinente para esse diálogo se refere a potência da memória oral no cotidiano dos povos originários, inclusive a etnia Chiquitano, pela pedagogia da palavra são realizadas orações, rezas, cantos, romarias e diversos ensinamentos que fortalecem a cosmologia Chiquitano. Como afirma Almeida Silva (2015)

É importante enfatizar que a memória oral, presente nas narrativas, por vezes é convertida por nós ao chama-la de mito; é esta memória que influencia o presente-futuro das gerações atuais e que funda uma relação de bem-viver tanto para o ‘nós’, quanto para ‘o outro’. As histórias estão registradas pelas lembranças, sendo os anciãos os portadores legítimos dessa sabedoria. Todo registro de vivências concentra-se em um saber ancestral, passado de geração a geração e que contém os ‘segredos’ do bem-viver (ALMEIDA SILVA, 2015, p. 90).

A memória coletiva e a tradição do povo Chiquitano pauta-se na religiosidade (decorrente da colonização espanhola e da igreja católica ocorrida a partir do século XVII), na estreita relação com a natureza e com os seres não humanos. Essa tradição se potencializa pelos laços de solidariedade e reciprocidade firmados na coletividade que se estende por toda a Chiquitania (indígenas brasileiros, indígenas bolivianos e indígenas citadinos).

Os encontros com os seres encantados também são momentos de aprendizados, durante o “pulo e o grito” do Curussé homens, mulheres, crianças e velhos(as) cirandam para fortalecerem seus corpos por meio das rezas, das romarias, das comidas, das bebidas, dos cantos, das danças e da beleza de ser índio Chiquitano. O Curussé é um marcador étnico da cultura Chiquitano, normalmente são os benzedores/benzedoiras e os rezadores no espaço urbano de Porto Esperidião que direcionam as rezas e que transitam entre os mundos físico e sobrenatural, estes momentos revelando-se festivos e formativos ao mesmo tempo.



Esta educação é integral, espiritual e física, e se dá nos momentos religiosos que acontecem na igreja, na ingestão de alimentos saudáveis que fazem parte da cultura alimentar do Chiquitano, nas práticas corporais, por meio da dança, nas formas específicas que o Chiquitano usa para educar, ensinar fazendo junto, quantas vezes forem necessárias, sem repreensão. No corpo também trazem as marcas das lutas dos Chiquitano, representadas por meio das bandeiras. Os anciões ensinam que as lutas devem ser tratadas com muito respeito, e com um corpo enfeitado, sendo lembradas a cada Curussé (QUEIROZ, 2013, p. 97).

Os processos formativos Chiquitano não se limitam às instituições escolares, a educação acontece na vida cotidiana em diferentes tempos e espaços. A educação Chiquitano tem sua própria metodologia que se caracteriza como humanizadora, dinâmica e acessível a todos(as). Diante disso, a benzeção se ancora na concepção de que o trabalho é um elemento central da formação humana (MARX, 1982), pois ao benzer os atores sociais se dedicam ao trabalho de cura e cuidado e simultaneamente promovem aprendizados nas diversas dimensões da vida coletiva. Para finalizar, propomos o diálogo de saberes, o reconhecimento e a valorização de outras educações e epistemologias. O saber institucionalizado e o saber tradicional têm suas especificidades e suas contribuições para a humanidade, porém, o diálogo entre estes renasce como possibilidade de construção participativa, coletiva e respeitosa de um outro projeto humanitário em que a colonização epistemológica seja desconstruída e seja lembrada como um *mal do passado*.

### **Algumas considerações...**

A benzeção enquanto ofício e prática cultural do povo Chiquitano perpassa várias dimensões da produção da existência dessa etnia, suas práticas se baseiam nos conhecimentos sobre rezas, cantos, plantas e a interação com humanos e seres não humanos. Ao benzer os benzedores e benzedoras acessam diferentes saberes tradicionais para efetivar a cura da alma, do corpo e do espírito de forma integrada. Considerando que, esses atores sociais historicamente sempre foram considerados marginalizados e excluídos, sendo assim, o trabalho da benzeção se configura como luta, resiliência e reexistência contra o legado dos colonizadores que insistem em escravizar as mentes e os corpos (mercantilização do saber e saúde). Na perspectiva ameríndia os saberes não são mercadorias ou mesmo negociáveis, eles são do povo e para o povo, vividos e compartilhados coletivamente.

Dessa maneira, a benzeção se caracteriza também como um instrumento para a formação humana pois, ao articular a ancestralidade, a oralidade, a interação com as plantas e

os seres encantados diferentes educações são construídas. Neste sentido, os saberes Chiquitano são elaborados mutuamente e compartilhados de forma autêntica e significativa. Esses aprendizados estão alinhados à produção da vida e não são descontextualizados ou mercadejados, são contrários a lógica capitalista, o viver coletivamente pauta-se no partilhar da vida com os outros seres humanos, com a mãe Terra e com os seres encantados.

A cosmovisão indígena Chiquitano representa somente uma gota no oceano da diversidade cultural existente em nosso país, seus saberes tradicionais convergem com a produção da vida coletiva e não são concebidos como coisas ou produtos pois, o dinheiro não vale mais que a vida. Nesta perspectiva, é importante salientar que é urgente o empenho do Estado brasileiro em implementar políticas efetivas de demarcação dos territórios dos povos originários e das comunidades tradicionais pois, são estes espaços que sustentam a vida gestada a partir das práticas ancestrais, inclusive da benzeção. Está aí o ponto de partida: promover e garantir condições de vida humana para esses grupos dentro de seus territórios preservados, vividos e compartilhados com base na sabedoria popular.

## Referências

- ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa; SOUSA, Marcio Barradas. Saberes Culturais. In: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de; PACHECO, Agenor Sarraf (Orgs.). Uwa'kürü - dicionário analítico - Rio Branco: Nepan, 2016, p. 230-250.
- ALCANTARA, Liliane Cristine Schlemmer; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível? Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 40, p. 231-251, abril 2017.
- ALMEIDA SILVA, Marília de. Por Uma Cultura Latino-América Da Produção Livre E Associada. O Povo Chiquitano e a Experiência Indígena No Brasil. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Educação. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2015.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. Rev. Bras. Educ. [online]., n.19, p. 20-28, 2002.
- BORTOLLETO, Renata Silva. **Os chiquitano de Mato Grosso**. Estudo das classificações em um grupo indígena da fronteira Brasil-Bolívia. 226 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, 2007.
- BRANDÃO, Carlos R.; LEAL, Alessandra. Comunidade tradicional: conviver, criar, resistir. Revista da ANPEGE [on line], v. 8, n. 9, p. 73-91, jan/jun. 2012.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Cultura com aspas: e outros ensaios. São Paulo: Cosac & Naify, 2009. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1jfU\\_SNxWog6e6Ed2sV7Ken62laJwXxj2/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1jfU_SNxWog6e6Ed2sV7Ken62laJwXxj2/view?usp=sharing). Acesso em: 13 set 2021.

FERNANDES SILVA, Joana Aparecida. Identidades e conflito na fronteira: poderes locais e os Chiquitanos. Revista Memoria Americana 16 (2) - Año 2008: 119-148. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/13562>. Acesso em: 13 set 2021.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. (48ª reimpressão).

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: Metodologia da pesquisa educacional. FAZENDA, Ivani (Org.). São Paulo: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. Dermeval Saviani e a centralidade ontológica do trabalho na formação do “homem novo”, artífice da sociedade socialista. Revista Interface (Botucatu), 2017, 21(62), p. 509-519. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832017005008105&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832017005008105&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 13 set 2021.

KOSIK, Karel. Dialética do concreto. 7ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KRENAK, Ailton. Caminhos para a cultura do bem viver. Disponível em: [http://culturadobemviver.org/pdf/Caminhos\\_para\\_a\\_cultura\\_do\\_Bem\\_Viver\\_Ailton\\_Krenak.pdf](http://culturadobemviver.org/pdf/Caminhos_para_a_cultura_do_Bem_Viver_Ailton_Krenak.pdf). Acesso em: 14 set 2021.

MARX, Karl. O Capital. Crítica da economia política. Livro Primeiro – O processo de produção do capital. vol.1. São Paulo: DIFEL, 1982.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. O que é benzeção. In: Coleção primeiros passos. 2ª ed. Editora Brasiliense: São Paulo, 1985.

PACINI, Aloir. Identidade étnica e território Chiquitano na fronteira (Brasil-Bolívia). Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS, Porto Alegre, 2012.

PANTOJA, Mariana Ciavatta. Conhecimentos Tradicionais. In: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de; PACHECO, Agenor Sarraf (Orgs.). Uwa'kürü - dicionário analítico - vol. 2. Rio Branco: Nepan, 2017, p. 61-79.

QUEIROZ, Leticia Antonia de. Educação da criança chiquitano: o Curussé como expressão das práticas corporais sociais educativas. 2013. 117 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2013.

QUINTANA, Alberto Manuel. A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise. Bauru: EDUSC, 1999.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. Revista Brasileira de Educação vol. 12, 2007.

SILVA, Verone Cristina. Carnaval: alegria dos imortais - Ritual, pessoa e cosmologia entre os Chiquitano no Brasil. 296 p. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

THOMPSON, Edward Palmer. Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOLEDO, Victor Manuel; BARRERA-BASSOLS, Narciso. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. Rev. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 20, p. 31-45, jul./dez. 2009.